

INSULTOS E AMEAÇAS EM INTERAÇÕES INFANTIS

MARIA AUXILIADORA BEZERRA
(UFPB/CG)

ABSTRACT

This paper describes insults and threats in children's interactions between children from 6 to 12 years of age in situations involving games, misunderstandings, and the completion of school tasks. The analysis shows that conflict constantly arises in interaction, although explicit vocalization is gradually eliminated as the child acquires strategies of politeness.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo descrever insultos e ameaças na conversação infantil que, de acordo com Benoit (1983), Lein e Brenneis (1978) e Boggs (1978), constituem traços significativos desse tipo de conversação.

Algumas pesquisas têm analisado ameaças e insultos entre crianças como demonstração de comportamento agressivo (Smith e Green, 1975), concluindo que os meninos são mais agressivos que as meninas e que, caso não haja a intervenção de um adulto, a seqüência agressiva se realiza plenamente entre as crianças, numa escala crescente. Outras pesquisas têm demonstrado que ameaças constituem uma forma de resolver um conflito. Entretanto O'Keefe e Benoit (1982), analisando situações de disputas infantis, concluem que ameaças contribuem muito mais para aumentar o conflito do que para encerrá-lo.

Com o intuito de compreendermos e analisarmos, do ponto de vista interacional, insultos e ameaças presentes na conversação infantil, recorreremos a princípios da análise da conversação (Marcushi, 1991; Hilgert, 1989), da pragmática (Grice, 1975; Leech, 1986) e de polidez (Brown e Levinson, 1987; Brown e Gilman, 1960), visto que uma análise puramente lingüística não dá conta das características interacionais desses atos.

Os sujeitos da pesquisa são 19 crianças de 6 a 12 anos (12 meninas e 7 meninos), de classe média, residentes em bairro de classe média, filhas de profissionais de nível universitário, com acesso aos bens culturais valorizados pela classe social a que pertencem (cinema, teatro, livro, clube, esporte ...), e falando a mesma variante dialetal.

Os dados para análise são provenientes de interações espontâneas entre essas crianças, em situações de jogos, brincadeiras, desentendimentos, conversas e realização de tarefas escolares, gravadas em áudio por nós, que participávamos, algumas vezes, desses eventos de fala. As gravações perfazem um total de 300 minutos, num espaço de tempo de quatro meses. Além das gravações, há também depoimentos das crianças e notas de campo nossas, nas quais procurávamos anotar dados não registráveis pelo gravador, tais como gestos, sorrisos, etc.

As gravações foram transcritas de forma linear, sintagmática, seguindo a proposta de Marcuschi (1986), sem a cronometragem das pausas.

2. CONTEXTO TEÓRICO DA PESQUISA

A partir dos anos 70, os estudos lingüísticos receberam grande influência da pragmática, rompendo com a tradição estruturalista (cuja unidade de estudo é a frase) e desenvolvendo a lingüística da fala e do texto (cuja unidade de estudo é o enunciado lingüístico, produzido por interlocutores - envolvendo seus aspectos sociais, culturais, psicológicos e outros - em situações específicas de comunicação).

Nesse sentido, o diálogo passou a ter destaque nos estudos, pois é através desse tipo de texto que os falantes exercem, normalmente, sua competência comunicativa e que o caráter de atividade lingüística é mais facilmente demonstrado. Impulsionaram-se então os estudos da conversação: seu conceito, sua organização, os sujeitos envolvidos, etc.

Sob a influência da etnometodologia, que se preocupa com as atividades práticas do cotidiano e sua organização pelos membros do grupo social (Hilbert, 1989:80), a conversação é entendida como uma atividade, um processo que se realiza entre sujeitos com vistas à intercomunicação, de forma que o sentido do que é dito é negociado entre os interlocutores. Assim, o texto vai sendo produzido colaborativamente, não seguindo um modelo pré-estabelecido.

Mas apesar de não seguir um modelo pré-estabelecido, a conversação apresenta as fases de abertura, parte central (tema da conversação) e fechamento; num nível médio, os turnos e seqüências conversacionais, as tomadas de turno e os marcadores conversacionais; e num nível micro, os elementos fonológicos, prosódicos, sintáticos e lexicais internos à fala (Henne e Rehbock, 1982, apud Hilbert, op. cit. p. 91).

É a alternância de turnos, sem dúvida, o princípio que mais caracteriza a organização conversacional. Entendemos por turno o espaço de tempo em que o locutor mantém a palavra durante a conversação, havendo alternância à medida que os turnos passam de um para outro interlocutor. Dois turnos interdependentes formam um par adjacente.

Do ponto de vista pragmático, a conversação segue o princípio da cooperação (Grice, 1975), visto que os interlocutores procuram desenvolver, colaborativamente, o diálogo, mesmo que essa cooperação não seja para manter a harmonia entre os sujeitos, como é o caso dos insultos e ameaças aqui estudados.

Para Leech (1986), esses atos de fala são desfavoráveis ao ouvinte, pois correspondem a um menor benefício seu, e impolidos, pois seu objetivo ilocucionário se opõe ao social. Sendo impolidos, são também atos ameaçadores de face (Brown e Levinson, 1987), uma vez que atingem a auto-estima do ouvinte.

3. CONCEPÇÃO DE INSULTOS E AMEAÇAS

Considerando nossa competência lingüística de falantes de português, entendemos **insulto** como uma afronta violenta realizada através de palavras ou gestos, e **ameaça** como uma palavra ou gesto intimidativo ou uma promessa de castigo (Ferreira, 1985). A partir desse entendimento, percebemos que insulto e ameaça são atos comunicativos, pois partem de um locutor para atingir um interlocutor, mas não exclusivamente lingüísticos, visto que se realizam também com elementos paralingüísticos (gestos, mímicas, olhar, etc.).

Assim, consideramos insultos e ameaças como unidades interacionais, realizadas colaborativamente entre falante e ouvinte. Ao expressar um desses dois tipos de forma comunicativa, o falante intenciona ofender ou punir o ouvinte e, com isso, espera uma mudança de comportamento desse ouvinte (Benoit, 1983:305).

Para que uma elocução seja percebida pelo ouvinte como insulto ou ameaça e daí provocar uma resposta, ela deve ser elaborada com clareza e força suficiente, do contrário, a intenção do falante não é entendida e a ofensa ou opinião não tem esse valor (Benoit, op. cit. p. 306).

Levando em conta, então, que ameaça e insulto têm como objetivo ofender ou punir o ouvinte, esses atos são ameaçadores de face (Brown e Levinson, 1987): de um lado, ameaçam a face negativa do ouvinte, se este se sente obrigado a responder ao insulto/ameaça (isto é, o falante força o ouvinte a comportar-se de um certo modo e o ouvinte, por sua vez, tem sua liberdade de ação impedida); de outro lado, ameaçam a face positiva desse ouvinte, visto que atacam sua auto-estima. O exemplo abaixo ilustra o que foi dito.

Exemplo 1

Contexto: crianças organizam uma gincana (equipes e tarefas).

ED - vocês não fazem nada diferente

Ma - televisão num sei quê num sei quê

L - nã:o você sabe que foi tudo da minha cabeça

ED - é por isso é por isso que sai Tudo MERda ((grita))

L - ah: tá certo ((fala baixo)) ENTÃO POR QUE NÃO SAI DE VEZ”
((fala alto e zangada)) a gente pode fazer sem você

ED - eu já saí há muito tempo

L - Ó:timo ... então num dê sua opinião porque ninguém
tá pedindo

GT - Ó:timo

L - não

O insulto “é por isso é por isso que sai Tudo MERda” funciona como um ato ameaçador da face positiva do ouvinte, na medida em que demonstra uma desaprovação, uma crítica do falante em relação às atividades tomadas pelo ouvinte (“você sabe que foi tudo da minha cabeça”). Ou seja, é um ataque ao desejo do ouvinte de ser aprovado, admirado (Brown e Levinson, op. cit.).

A resposta ao insulto (“ah: tá certo ENTÃO POR QUE NÃO SAI DE VEZ” a gente pode fazer sem você”) constitui-se uma ameaça à face negativa do ouvinte, visto que o falante pressiona esse ouvinte a fazer um determinado ato, tentando limitar sua liberdade de ação.

Por não estarem de acordo com as normas de convivência entre os adultos de uma sociedade, insultos e ameaças são tidos como atos não-polidos, estratégias grosseiras, não atenuadas (*bald on record*, cf. Brown e Levinson (p. 95), ou seja, estratégia usada pelo sujeito que deseja, deliberadamente, praticar um ato ameaçador de face) e fazem parte dos atos comunicativos, classificados por Leech (1986:04) como conflitivos, cujos objetivos se opõem ao convívio social, não contribuindo para o equilíbrio da interação. Ainda segundo Leech, esses atos são marginais no comportamento lingüístico humano, em circunstâncias normais (o ponto de partida de seus estudos e dos de Brown e Levinson é sempre o adulto).

Vale salientar, entretanto, que esse tipo de estratégia (pressionar o ouvinte a agir de um determinado modo, sem nenhuma expressão atenuadora - não exclusivamente insulto e ameaça) pode ser aceito como não-agressivo, em situação de intimidade ou urgência, casos em que os interlocutores estão de acordo com seu uso. É o que podemos ver no exemplo 2.

Exemplo 2

Contexto: crianças jogam bola e uma outra se aproxima.

M - vem L jogar

GI - num po:de já [saiu um

M - [ah foi

MI - já saiu uma menina

O impedimento de L jogar (“num po:de já saiu um”) é dito sob forma de uma ordem, sem nenhuma expressão atenuada, dada a situação de urgência em que a informação deve ser apresentada: o jogo já começara, um dos participantes já fora eliminado e uma de suas regras é exatamente a não-permissão da entrada de outro participante após a saída de um.

Entre as crianças, o uso dessa estratégia é freqüente, mesmo onde, de acordo com os adultos, ela não convém. Isso porque não dominam ainda as normas de socialização do grupo social dos adultos com os quais convivem.

4. FORMAS DE INSULTOS E AMEAÇAS

As formas utilizadas pelas crianças para insultar/ameaçar seus pares podem ser analisadas em seus aspectos lingüísticos e interacionais, associados aos elementos prosódicos, ou supra-segmentais, de acento, entonação e velocidade.

4.1. Aspectos lingüísticos

Do ponto de vista lingüístico, ameaças e insultos se dão sob a forma de sintagmas adjetivais e/ou sentenças.

Os insultos predominam sob a forma de sintagmas adjetivais, embora também sejam produzidos por meio de sentenças; e os itens lexicais utilizados apresentam semas negativos, mesmo que em outras situações alguns não tenham essa carga semântica. Vejamos os exemplos 3 e 4.

Exemplo 3

Contexto: crianças decidem brincar de barra-bandeira (jogo entre duas equipes com o objetivo de uma roubar a bandeira da outra) e vão dividir-se em grupos.

- ED - TÁ INJUSTO tem [quatro grande e NÃO ...
L - [bora então vamos lá /.../
ED - eu não vou mais [brincar não ME ENTENDA meNIna
L - [pode começar
ED - tá QUATRO GRANdes aí e a gente SÓ TEM TRÊS DEIXE DE SER BURRA
L - burra” burra é VOCÊ meu filho a gente já tava agora vamor começar

Exemplo 4

Contexto: crianças discutem a organização de uma gincana e terminam brigando.

- ED - METIDA... METIDA... METIDA
GI - se eu sou num é da sua conta ((gritando))
ED - e eu tô dizendo que é da minha CONta abestalhada”
((gritando)) CRIANÇA
GI - VOCÊ... e por acaso você é adulto É”
ED - não mas também num sou criancinha igual a você

Os insultos “deixa de ser burra”, “burra é você”, “metida” e “abestalhada”, incluindo itens lexicais negativos (“burra, metida e abestalhada”), demonstram raiva e desprezo do locutor por seu interlocutor, vindo reforçar esses sentimentos o acento de intensidade, que consiste exatamente em o locutor pôr em destaque uma palavra do enunciado, exprimindo sua emoção. Daí a ênfase dada aos itens “burra”, “você” e “metida”.

Considerando o item lexical “criança”, em destaque no exemplo 4, observamos que se trata de uma palavra positiva ou neutra em outras situações, mas usada aqui pelo locutor de forma negativa, com a intenção de diminuir a auto-estima do interlocutor (ou seja, ameaçar sua face positiva) e provocar-lhe uma reação. Tanto é que GI se ofende e reage com ênfase, devolvendo o mesmo insulto a seu interlocutor através da palavra “você”. Ou seja, o acento dado a “você” marca contrastivamente as variáveis que fazem parte de intercomunicação: “criança” e “você”.

As ameaças, por sua vez, predominam sob a forma de sentenças, com destaque em alguns termos, dado através da elevação da voz. É o que vemos no exemplo 5 a seguir.

Exemplo 5

Contexto: crianças brincam com bola e uma delas toma a frente de outra dando um corte, que deveria ser dessa outra.

/.../

M	-	oxe: eu vou tomar tuas bola	[mas eu vou tomar SUAS
MI	-			bola
]	eu fui dar um corte num
		era sua		

L - era dela sim: ôi tá vendo”

/.../

M - eu VOU tomas TUAS bola quero o resto não... eu tô brigando com ele

MI - foi mal

M - TÁ VENDENDO” TÁ VENDENDO” agora saiu ô MI eu vou tomar tuas bola tudinho

/.../

Aqui, à medida que a irritação do locutor aumenta, acentua-se a pronúncia dos itens “tua” e “vou”, fornecendo-se a informação de quem receberá a pena (“tuas” = o interlocutor ficará sem bola) e da certeza da realização do ato (*vou*). Estratégia “bald on record”, visto que o objetivo do falante é ameaçar a face do ouvinte (no caso, a negativa).

Além disso há uma escala ascendente na ameaça, através da repetição de “vou tomar tua bola”, com intensidade crescente, chegando ao máximo com o acréscimo de “tudinho”. Essa palavra, além de contribuir de modo geral com a ênfase do locutor, ainda está acompanhada do morfema gramatical “-inho”, que, longe de indicar tamanho pequeno, funciona como partícula intensificadora, reforçando a ameaça do locutor.

Esse mesmo morfema “-inho” aparece em outra ameaça, reforçado por gesto do locutor e por acento de intensidade.

Exemplo 6

Contexto: meninas brincam de boneca quando o irmão de uma delas se aproxima e recebe a ordem para ir brincar com um amigo.

/.../

F - se tá com o menino vá vá brincar com ele pra lá vá
BEM LONGe daqui

Y - aquele... Ygor

R - né: Ygor o nome dele

F - VÁ

La - o nome dele é [Rodrigo

F - [agora se eu ouvir um TANTi:inho assim
de GRItando e CHOrando vou lá em mainha e digo viu”

/.../

O destaque dada a “tantinho” - seguido de “assim”, e acompanhado do gesto de aproximação dos dedos polegar e indicador demonstrando tamanho - a “gritando” e a “chorando” reforça a emoção do locutor em relação à ameaça feita a seu interlocutor. Ou seja, os dados paralingüísticos são associados aos lingüísticos para demonstrarem a intensidade do que está sendo dito, ou seja, do ato ameaçador de face.

4.2. Aspectos interacionais

Insultos e ameaças constituem unidades funcionais da conversação denominadas pares adjacentes. Ou seja, um turno A é seguido por um turno B determinado por aquele, estando assim uma relação complementar, de tal forma que o turno A é a primeira parte e o B, a segunda parte do par, a especificidade daquele determinando a desse (Hilgert, 1986:96).

Embora a idéia de adjacência seja questionada - nem sempre a segunda parte do par é seguida imediatamente à primeira, podendo haver seqüência intercalada (Levinson, 1983:304) - em se tratando de insultos e ameaças, essa contigüidade é amplamente verificada, talvez justamente pelo fato de que esses atos comunicativos são agressivos, exigindo reação imediata do interlocutor. É o que vemos, como ilustração, nos exemplo 3 e 4 acima, retomados a seguir.

Exemplo 3'

T₁ ED - tá QUATRO GRANdes aí e a gente SÓ TEM TRÊS DEIXE
DE SER BURRA

PA

T₂ L - burra” burra é VOCÊ meu filho a gente já tava agora
vamos começar

- Exemplo 4'
- PA₁ [T₁ ED - METIDA... METIDA... METIDA
T₂ GI- se eu sou num é da sua conta ((gritando))
- PA₂ [T₁ ED - e eu tô dizendo que é da minha CONta abestalhada”
((gritando)) CRIANÇA
T₂ GI- VOCÊ ... e por acaso você é adulto É”

Nesses exemplos, os turnos 2 estão imediatamente após os turnos 1 em cada par e a relação de complementaridade do par adjacente pode ser verificada quando observamos os T₂, cuja informação é apreendida se considerarmos os T₁.

Uma das atitudes tomadas pelo interlocutor ao receber insulto/ameaça é responder ao locutor, estabelecendo-se assim uma gradação competitiva formada por insultos/ameaças recíprocos, como vemos no exemplo 4 (dizemos uma das atitudes, porque ele pode ainda rejeitá-los e mudar seu comportamento).

Vale salientar que nessa troca de insulto/ameaça os elementos supra-segmentais de acento, entonação e velocidade desempenham papel importante, tanto para manutenção do turno quanto para a demonstração da força argumentativa desses atos comunicativos.

Tentando manter seu turno, as crianças aceleram o ritmo da fala, não esperando que um interlocutor pare para dar o turno a outro, de modo que as vozes se sobrepõem e, tentando se destacar umas das outras, passam a falar gritando, até o ponto de a intercompreensão chegar a ser nula. Nesse momento, se se trata de grupos mistos, os meninos se afastam e as meninas passam a conversar em ritmo normal com outros interlocutores; se se trata de grupos de meninas, ela se calam por alguns segundos e retomam a conversa com voz moderada; e se se trata de grupos de meninos, é necessária a intervenção de terceiros (adultos ou criança maior) para pôr fim ao conflito.

4.2.1. Turnos que antecedem insulto/ameaça

Considerando os turnos que precedem insulto/ameaça, verificamos que se constituem em

- a) **recusa** - o turno 1 corresponde a uma recusa do locutor 1, o que provoca um insulto/ameaça no turno 2, pelo locutor 2:
MI - eu nem fiz daqui D
D - a última vez MI se fazer ... desclassificaCA:do
- b) **ordem** - o turno 1 indica uma ordem dada, à qual o locutor 2 não quer obedecer, daí o insulto/ameaça no turno 2:
ED - CALE sua boca
L - venha calar seu lesado ... então ((gritando))

- c) **desafio** - o turno 1 é um desafio feito pelo locutor 1 ao locutor 2, acarretando o insulto/ameaça no turno 2:
 L - então porque você não vem fechar” ia começar pela TUA que é muito bom ((gritando))
 ED - rapaz se eu fosse tam ((tampa de)) esgoto não estaria aqui: ((gritando))
- d) **assertiva** - o turno 1 é uma afirmação do locutor 1, com a qual não concorda o locutor 2, provocando o insulto/ameaça no turno 2:
 L - /.../ você sabia que foi tudo da minha cabeça
 ED - é por isso é por isso que sai Tudo MERda ((gritando))
- e) **insulto** - o turno 1 é um insulto que provoca insulto/ameaça no turno 2:
 Ra - é a sua mãe
 R - NUNca MAIS lhe dou bombom
- f) **ameaça** - o turno 1 é uma ameaça ao locutor 2 que responde com insulto/ameaça no turno 2:
 ED - /.../ agora vai lá pra tu ver visse Mar
 Mar - () só tem um master VÉ:I ((com desprezo))

Além dessas formas de turnos, há também certos comportamentos de um locutor que provocam insulto/ameaça por parte de outro locutor, que se sente ofendido ou prejudicado.

Exemplo 7

Contexto: crianças brincam com bola e uma toma a frente da outra, impedindo-a de jogar.

M - ô MI eu VOU tomar suas bola

4.2.2. Insulto/ameaça como turno 1 do par adjacente

Quando insulto/ameaça são a primeira parte do par adjacente, eles podem se apresentar das seguintes formas:

Ameaça

- a) **chamar autoridade** - o locutor apela para uma autoridade na solução do conflito:
 F - /.../ se eu ouvir um TANTi:nho assim de GRItando e CHOrando vou lá em mainha e digo viu”
- b) **recusar (negar) objeto/ação desejada** - o locutor 1 impede que o locutor 2 continue com o objeto ou a ação desejada:
 L - /.../ ENTÃO POR QUE NÃO SAI DE VEZ” a gente pode fazer sem você
 ED - eu já saí há muito tempo

É interessante notar que, entre crianças menores de 5 anos, a ameaça pode ter a forma de agressão física, o que vai diminuindo entre as maiores, que vão aprendendo a substituir agressões físicas por verbais.

Insulto

atribuir qualidades negativas ao locutor ou pessoas próximas ao locutor (amigo, familiar):

ED - ó você dona GI e doutor Ma são TRÊS metidos ((gritando))

A esse insulto/ameaça como primeira parte do par adjacente, as crianças podem responder diferentemente:

a) **insulto/ameaça** - é possível ter como resposta a insulto/ameaça outros atos da mesma natureza, que provocam uma escala ascendente no conflito:

M - ô MI eu vou tomar suas bola
MI - eu num TOMEI suas bola
M - oxe: eu vou tomar tuas bola [mas eu vou tomas SUAS bo-
la
eu fui dar um corte num era sua
MI -
L - era dela sim: ó tá vendo”
MI - eita fui mal ((jogando a bola))
M - eu VOU tomas TUAS bola /.../
MI - foi mal
M - TÁ VENDo” TÁ VENDO” agora saiu ô MI eu vou tomar tuas bola tudinho
MI - eu num fui num fui... saí não... EU NÃO fui viu” num venha colocar a culpa em mim que eu num tomei sua bola não

b) **rejeição do insulto/ameaça** - o locutor considera o insulto/ameaça deficiente não se constituindo uma ameaça a sua face, por isso não responde:

G - oh D peRAÍ ó a safadeza...
D - MI... um pingüim queiMAdo é aqui eu...

c) **aceitação do insulto/ameaça** - o locutor insultado/ameaçado concorda com esses atos e altera seu comportamento, como deseja o insultador/ameaçador:

GI - /.../ tem que deslizar no patim seu Burro
J - eu tô fazendo o QUÊ” tu quer mais do que isso é”

Em resumo, podemos dizer que a) os turnos que antecedem insulto/ameaça são predominantemente ordem, insulto e ameaça (ofensiva, no caso); b) as ameaças

que constituem a primeira parte do par adjacente têm a forma de recusa do objeto/ação desejada; e os insultos têm a forma de atribuição de qualidades negativas ao interlocutor; e c) as respostas a insulto/ameaça são dadas através de outro insulto/ameaça (defensiva, no caso).

5. ALVO DE INSULTO E AMEAÇA

Insultos e ameaças produzidos por crianças e dirigidos a seus pares apresentam diferenças em relação à idade dos interactantes.

Os insultos se realizam principalmente entre grupos de crianças com idades aproximadas; isto é, crianças maiores (10-12 anos) se insultam entre si, assim como as menores (6-9 anos) o fazem também em seu grupo. Os insultos de crianças menores dirigidos a crianças maiores ocorrem, sobretudo, quando aquelas recebem um ato ameaçador de face por parte das maiores. Como estas têm mais poder, por serem mais velhas ou mais fortes fisicamente, as menores apelam para insultos (ou ameaças, que ocorrem sob a forma de chamar a autoridade: pai, mãe ou um adulto que esteja próximo), como forma de atingir a face do interlocutor e assim conseguir seus objetivos. Com isso, o ato conflitivo se prolonga.

Já as ameaças predominam (não são exclusivas) de crianças maiores para crianças menores, numa tentativa de imposição de forças, demonstração de comportamento autoritário, dominante, como podemos ver no exemplo 6.

Quanto ao sexo, observamos que predominantemente são os meninos que dirigem as agressões verbais (e físicas) às meninas, as quais respondem com insultos e ameaças também, prolongando o conflito. Isto é, os insultos e ameaças ditos pelas meninas atingindo os meninos são sempre uma resposta a um insulto ou ameaça verbal ou física. Quando há a intervenção de uma outra criança, tentando resolver esse conflito, trata-se de uma menina.

Exemplo 8

Contexto: menino e menina discutem por causa da organização de uma gincana.

ED - /.../ a cabeça de GI é muito ruim

GI - Ó:TI mo mas o cérebro num é como o su... tem brincadeira de vez em quando

L - num vamos se trocar com bobagem não

O turno de L, menina de 12 anos, correspondendo a um conselho (considerar insulto como bobagem) parece refletir, por um lado, formas de polidez já adquiridas, especificamente as relativas à polidez negativa, que, para corrigir uma imposição do falante sobre o ouvinte, se apresenta de forma indireta, não impositiva (Brown e Levinson, 1987:70). Por outro lado, parece (não afirmarmos, pois analisamos apenas 5 horas de gravação) indicar o comportamento colaborativo da

mulher em oposição ao comportamento competitivo do homem, já apontado por outros autores (Coulthard, 1991; Aebischer e Forel, 1991). A menina tenta resolver o conflito dirigindo-se à outra e não ao menino, que não renuncia a seu ato conflitivo.

Vale notar que, havendo agressão física entre crianças masculinas e femininas, as meninas só revidam se se tratar de meninos menores. As agressões físicas vindas de meninos maiores, as meninas respondem com insultos e ameaças (sobretudo chamar autoridades).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo específico, observamos que insulto/ameaça, embora não contribuam para a harmonia da interação, são produzidos colaborativamente, de modo que o sentido desse insulto ou ameaça vai depender dos interlocutores. Esses atos podem ser aceitos ou rejeitados e podem ser realizados como ofensivos ou defensivos, havendo uma diferença em sua forma, quando consideramos a idade e o sexo das crianças: meninas maiores ameaçam mais crianças menores; meninos maiores insultam e ameaçam crianças de sua idade e menores; meninas insultam/ameaçam como medida defensiva (e não ofensiva).

De modo mais abrangente, os atos conflitivos são constantes em interações infantis, sendo substituídos gradativamente, à medida que as crianças adquirem as estratégias de polidez.

A intenção do locutor infantil de agredir seus pares com esse tipo de ato comunicativo leva-nos a considerar que a noção de face e o desejo de preservá-la não são exclusivos do adulto. As crianças parecem demonstrar já ter esse conhecimento, tanto é que ameaçam a face de seus interlocutores com o objetivo de se imporem (tanto a face positiva quanto a negativa do ouvinte são ameaçadas em benefício do falante). O que parece não estar presente ainda, ou pelo menos pouco presente, é o que Brown e Levinson (p.61) chamam de “capacidades racionais”, ou seja, modos de o falante raciocinar de forma que seus desejos sejam satisfeitos, sem que ele ameace diretamente os ouvintes. Em outras palavras, usando estratégias de polidez.

BIBLIOGRAFIA

AEBISCHER, V. e FOREL, C. **Falas masculinas, falas femininas?** São Paulo:Brasiliense, 1991.

BENOIT, P.J. *The use of threats in children's discourse.* **Language and Speech**, v.26, part 4, 1983:305-329.

BOGGS, S.T. *The development of verbal disputing in part-Hawaiian children.* **Language in Society**, v.7, 1978:325-344.

BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage.** 2nd. r. Cambridge: Cambridge University Press, (1ª edição de 1978). 1987.

- BROWN, R. & GILMAN, A. *The pronouns of power and solidarity*. In T.A. SEBEEK, (ed.). **Style in language**. Cambridge: Mass, 1960:253-276.
- COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. São Paulo:Ática, 1991.
- FERREIRA, A.B.H. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- GRICE, H.P. *Lógica e conversação*. In M. DASCAL, (org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística**, v. IV. Campinas: Particular, 1982, 1975:81-104.
- HILBERT, J.G. *A paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo*. Tese de doutorado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, USP, São Paulo, mimeo. 1989:12-107.
- HOLLOS, M. & BEEMAN, W. *The development of directives among Norwegian and Hungarian Children: an example of communicative style in culture*. **Language in Society**, n. 7. 1978:345-355.
- LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London:Longman. 1986.
- LEIN, L. & BRENNEIS, D. *Children's disputes in three speech communities*. **Language in Society**, n. 7, 1978:299-323.
- LEVINSON, S. **Pragmatics**. Cambridge:Cambridge, 1983:284-370.
- MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação e análise gramatical: pontos de contato*. **Boletim ABRALIN**, n. 10, 1991:12-34.
- _____. **Análise da conversação**. São Paulo:Ática. 1986.
- O'KEEFE, B.J. & BENOIT, P. *Children's arguments*. In J.R. COX, e C.A. WILLARD, (orgs.). **Advances in argumentation theory and research**, (apud P. BENOIT), 1982:154-183.
- SMITH, P.K. & GREEN, M. *Aggressive behavior in English nurseries and plays groups: sex differences and responses of adults*. **Child Development**, v. 46, 1975:211-214.